

FAMÍLIA E ESCOLA: Construindo relações em tempos de pandemia

Mirian Vieira dos Santos

Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Nordeste da Bahia.
miryanvieira@gmail.com

José Batista de Souza

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor das Redes Municipal e Estadual de Ensino da Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação (FOPTIC/UFS), do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON/UFS) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Paidéia (FANEB).
batistinhadesouza@gmail.com

Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho

Doutora em Educação (PPGED-UFS). Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Coronel João Sá – BA e da Rede Estadual de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos Sociais (UFS).
jayldacarvalho@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho objetiva compreender como a família e a escola têm construído relações em tempos de pandemia. Para tal, contamos com uma pesquisa qualitativa, tendo a pesquisa bibliográfica e a pesquisa *online* como procedimentos, e a entrevista estruturada como técnica de coleta de dados. Para a análise, usamos o referencial teórico empregado na pesquisa. Os resultados demonstraram que, apesar das dificuldades enfrentadas, a escola conseguiu uma aproximação significativa da família, algo que ocorreu através do diálogo e da participação através do *Whatsapp*. A escola conseguiu fazer a família entender que ela é fundamental na educação dos filhos. Da parte da família, ela compreendeu que o trabalho da escola é mais difícil do que parece.

Palavras-chave: Escola. Família. Pandemia. Relação.

FAMILY AND SCHOOL: Building relationships in times of pandemic

ABSTRACT

This work aims to understand how family and school have built relationships in times of pandemic. For this, we made a qualitative research, using the bibliographic research and the online research as procedures, and the structured interview as a data collection technique. For the analysis, we used the theoretical framework used in the research. The results showed that, despite the difficulties faced, the school achieved a significant approach to the family, something that occurred through dialogue and participation through *Whatsapp*. The school managed to make the family understand that it is fundamental in the education of their children. On the family side, she understood that schoolwork is harder than it looks.

Keywords: School. Family. Pandemic. Relationship.

INTRODUÇÃO

Diversos autores têm apontado a importância da relação família e escola para o desenvolvimento dos alunos (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; ALMEIDA; ARANTES, 2014; SANTOS; TONIOSSO, 2014; CORTELLA, 2014; PALIGA; VASQUES, 2017; ANDRÉ; BARBOSA, 2018, entre outros). De modo geral, esses autores compreendem que essa relação é imprescindível para o bom desenvolvimento do processo de aprendizagem dos educandos.

Documentos legais como a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) e a Base Nacional Comum Curricular (2018), também abordam a necessidade da relação entre a família e a escola, principalmente na Educação Infantil, etapa escolar na qual a criança precisa de mais ajuda e acompanhamento, o que requer da família e da escola uma parceria ainda maior.

Com uma preocupação semelhante, outros autores abordam essa importância em tempos de pandemia, pois devido ao vírus do Covid-19, essa relação teve de ficar ainda mais forte. As famílias que não se comunicavam com os membros da escola, passaram a ter um contato diário, para que assim, pudessem passar o conhecimento aos estudantes e facilitar a aprendizagem nesse momento tão difícil (DALBEN, 2020; BORGES; CIA, 2021; CASTRO; ALVES; CASTRO, 2021; OLIVEIRA; PERES; AZEVEDO, 2021).

Além disso, “[...] as experiências das relações entre famílias e as instituições educativas apontam para os sentidos de enfrentamento de valores e culturas, falta de comunicação e trocas [...]” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 15), algo que neste período pandêmico deve ser revisto, pois, se essas duas instituições não se unirem, a educação das crianças será ainda mais prejudicada.

Nesse contexto, a aproximação entre família e escola deve acontecer de forma natural. Os pais e professores devem procurar uns aos outros pensando no bom desenvolvimento das crianças, pois, a partir dessa boa relação, elas podem ter um melhor engajamento, realizando com a ajuda da família as atividades enviadas pelos professores, com as explicações de como proceder nessa ajuda. É nítido que, “[...] quando os pais participam da educação dos filhos, eles se sentem mais motivados, seguros e seu aprendizado se torna mais significativo” (ALMEIDA; ARANTES,

2014, p. 22). Ainda segundo esses autores, “[...] através dessa parceria a criança acaba se desenvolvendo um todo para melhor, as duas instituições devem andar juntas para que esse processo consiga ser realizado (ARANTES, 2014, p. 27).

Diante desse contexto questiona-se: De que forma a família e a escola têm construído relações em tempos de pandemia no contexto da Educação Infantil?

Com base nesse questionamento, o objetivo geral do presente trabalho é compreender como a família e a escola têm construído relações em tempos de pandemia no contexto da Educação Infantil. Para alcançar esse propósito, contamos com os seguintes objetivos específicos: (i) discutir acerca da importância da relação família e escola para o desenvolvimento dos alunos da primeira etapa da educação básica; (ii) identificar os desafios enfrentados pela família e pela escola na educação dessas crianças durante a pandemia; (iii) analisar se a relação família e escola melhorou ou piorou durante as aulas remotas.

Nesse contexto, partimos da hipótese de que devido à necessidade de levar adiante o ensino com o distanciamento físico, a relação família e escola pode melhorar, tendo em vista que o contato entre as duas instituições será maior do que antes.

Quanto à abordagem de pesquisa adotada neste trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa, fazendo uso da pesquisa bibliográfica e da pesquisa *online*. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, optamos pela entrevista estruturada via *Whatsapp*, a partir de uma lista de perguntas elaboradas previamente.

Esse trabalho está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, que sucede esta introdução, discutimos os *Papeis da Família e da Escola na Educação do Sujeito: o que diz a legislação*. Na seção seguinte, abordamos o tópico *Família e Escola: diferentes papéis que se complementam*. Em seguida, trazemos uma seção intitulada *A Relação Família e Escola na Pandemia*. Logo após, trazemos a seção do *Método*, mostrando o detalhamento da pesquisa, seguida dos *Resultados e Discussão*. Por fim, trazemos as *Considerações Finais*, verificando as análises dos estudos e retomando o objetivo geral e a hipótese levantada.

2 PAPEIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO SUJEITO: O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO

Ao tratarmos da relação família e escola, é de grande importância sinalizarmos que “[...] a relação família-escola é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem escolar, sendo extremamente positiva quando se dá de forma efetiva pelas duas instituições” (PALIGA; VASQUES, 2017, p. 73). É preciso também deixarmos claro qual é o papel de cada uma dessas instituições sociais na educação do sujeito, tendo em vista que muitas vezes, os papéis são trocados, ou uma das duas fica com toda a sobrecarga da educação dos estudantes, algo que não pode acontecer nem em momentos não-pandêmicos, muito menos em momentos pandêmicos, nos quais tanto a família precisa do apoio da escola quanto a escola precisa do apoio da família para dar conta de todas as dificuldades que este momento tem imposto a todos.

Por muito tempo, esta relação “[...] esteve marcada por movimentos de culpabilização de uma das partes envolvidas, pela ausência de responsabilização compartilhada de todos os envolvidos e pela forte ênfase em situações-problema que ocorrem no contexto escolar” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 107). Ou seja, ao invés de se ajudarem em prol de uma educação de qualidade para as crianças, por muito tempo família e escola ficaram apontando uma para a outra, chamando a atenção para a sua responsabilidade, não se dando conta que nenhuma das duas consegue dar conta sozinha de uma demanda tão difícil que é educar.

A participação dos pais no processo escolar dos filhos, não deve ser fruto da imposição e autoridade da escola, mas deve ser antes de tudo, considerada como resultado de uma conquista, um pacto de reciprocidade entre os envolvidos, ‘família e escola’. Faz-se necessário também que a escola encontre formas para atrair a família e fazer com que ela participe da atividade da escola, assumindo assim o compromisso de se unirem para melhor trabalharem e ajudarem seu filho no processo de aprendizagem (ALMEIDA; ARANTES, 2014, p. 28).

Com base no trecho acima, a família precisa compreender que sua participação na escola não é benefício específico para a escola, mas para o seu filho. É uma demonstração de que se preocupa com ele, que sabe o valor da educação em sua vida. “A família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 100).

Ao tratar da relação família e escola, a legislação brasileira é bastante clara em relação aos papéis dessas instituições, cabendo a cada uma cumprir com a sua responsabilidade e trabalhar

na perspectiva da parceria, com vistas à melhoria da educação dos estudantes. A Constituição Federal Brasileira de 1988, já aponta para esse assunto em seu artigo 205, quando sinaliza que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p. 123).

A partir do texto constitucional, tanto o Estado quanto a família são responsáveis pela educação do cidadão, além da sociedade que, como sabemos, também contribui de diferentes formas para essa educação, uma vez que, ninguém escapa da educação, pois ela ocorre nos diferentes espaços sociais (igreja, rua, trabalho, escola, entre outros). Assim, todo o conhecimento (formal e informal) que o sujeito aprende na escola, na família e na sociedade serão fundamentais para que ele viva dignamente na sociedade, tendo espaço para trabalhar e exercer sua cidadania (BRANDÃO, 1989).

Outro documento legal que discute esse assunto é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9.394/96, especialmente no artigo 29, sobre a finalidade da Educação Infantil: “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. 22).

Complementando a LDB, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil recomendam que “[...] nesses três primeiros anos de vida, a complementaridade entre os cuidados e a educação na família e na creche deve ser buscada, o que mostra a importância de uma boa comunicação entre os adultos que atuam nesses dois espaços” (BRASIL, 2006, p. 30). Quanto à finalidade da Educação Infantil, esse documento é bastante semelhante ao texto da LDB, quando diz que:

[...] a definição da finalidade da Educação Infantil como sendo o “desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” evidencia a necessidade de se tomar a criança como um todo para promover seu desenvolvimento e implica compartilhamento da responsabilidade familiar, comunitária e do poder público (BRASIL, 2006, p. 32).

Ou seja, fica nítido, no trecho acima a importância do compartilhamento das responsabilidades para com a educação da criança, cabendo à família, à comunidade e ao poder público empreenderem os esforços necessários em prol de uma educação de qualidade para as crianças, algo já sinalizado pela Constituição Brasileira quando fala sobre o desenvolvimento da pessoa.

Dessa maneira, para que esse compartilhamento de responsabilidades ocorra de forma adequada, é preciso que haja comunicação entre essas instituições desde cedo, já na Educação Infantil, de modo que em outras etapas da escolarização, a relação família/escola já esteja fortalecida. De acordo com outro documento legal - os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

A comunicação mais individualizada entre as famílias e as instituições de educação infantil deve ocorrer desde o início de forma planejada. Após os primeiros contatos, a comunicação entre as famílias e os professores pode se tornar uma rotina mais informal, mas bastante ativa. Entrar todos os dias até a sala onde sua criança está, trocar algumas palavras com o professor pode ser um fator de tranquilidade para muitos pais. Quanto menor a criança, mais importante essa troca de informações (BRASIL, 1998, p. 78).

Na Educação Infantil, diferentemente das demais etapas da educação do indivíduo, devido à idade das crianças, é fundamental essa comunicação entre a família e a escola, esse estreitamento de relações. A criança é um ser que requer cuidados de todos os lados, logo, como a mãe/pai/responsável vai à escola diariamente levar e buscar a criança, há sempre oportunidade de conversar com o professor, com a direção e coordenação da escola para obter informações diversas sobre a criança, desde o desenvolvimento escolar, o relacionamento interpessoal com os colegas e com o professor e seu comportamento. Essa demonstração de preocupação da família em relação ao filho é de grande valia para que a escola sinta que pode contar com a família, que ela se importa com a educação do filho.

Já a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), documento mais atualizado da nossa educação, vem sinalizar a importância da aproximação dos contextos familiar e escolar para o desenvolvimento da criança.

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018, p. 32).

De fato, essa passagem da BNCC é bastante esclarecedora da importância de a escola e a família estarem próximas, pois nessa fase da escolaridade, o foco da aprendizagem para a criança não é a aquisição de conteúdos, mas de conhecimentos para o seu desenvolvimento enquanto pessoa, como a socialização, a autonomia e a comunicação, algo que a criança começa a aprender no seio familiar, e que a escola complementa a partir de atividades diferenciadas, a exemplo das diversas atividades realizadas nessa etapa educacional.

Nesse viés “a educação recebida em casa [...] é a base para formar a personalidade da criança [...], pois desde que o indivíduo nasce a família fica encarregada de desempenhar o papel de transmissora de toda a herança cultural e social [...]” (ANDRÉ; BARBOZA, 2018, p. 13). Ao adentrar na escola, ela ampliará sua cultura com a educação formal, que terá como um dos objetivos, prepará-la intelectualmente para viver na sociedade fazendo uso dos conhecimentos adquiridos através da educação formal. “A família desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento do indivíduo, já que será a principal transmissora das condutas e valores que permearão o comportamento do ser que com ela convive” (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 127).

Portanto, é preciso que a escola e a família deem as mãos nessa tarefa, pois, não se educa uma criança, um jovem ou um adolescente de forma isolada. Os valores são tanto uma tarefa escolar, como uma tarefa familiar (CORTELLA, 2014).

3 FAMÍLIA E ESCOLA: DIFERENTES PAPÉIS QUE SE COMPLEMENTAM

No contexto da relação família e escola, é perceptível que essas duas instituições sociais têm papéis diferentes em relação à educação do indivíduo. No entanto, esses papéis não são antagônicos, não há uma concorrência entre elas em relação a quem faz mais ou menos. Elas têm papéis diferentes porque uma está mais encarregada da educação para os valores (a família); a outra (a escola), tem como responsabilidade principal, a educação formal, voltada para o intelecto, algo que propiciará melhores oportunidades de vida ao sujeito. Nesse contexto, à escola cabe favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente, de ampliar as possibilidades de convivência social [...]. À família cabe promover a socialização das crianças, focando no ensinamento de valores sociais (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 107).

Mas isso não quer dizer que esses papéis são restritos, pelo contrário, eles são complementares. A escola também pode trabalhar a questão dos valores, assim como a família pode ajudar no processo de educação formal, a partir do acompanhamento diário das atividades escolares, da participação nas atividades promovidas pela escola, no incentivo aos filhos sobre a importância da educação formal, entre outros aspectos.

[...] à escola cabe ampliar as ações que se iniciaram na família, e em parceria compartilhar aprendizagem, desenvolvimento e que com a família os aspectos de conduta do filho se materializem em: aproveitamento escolar, qualidade na realização

das tarefas, relacionamento com os professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras (ALMEIDA; ARANTES, 2014, p. 25).

Assim, “[...] a união dessas duas instituições sociais pode fazer a diferença no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, embora cada uma contribua de forma diferente, mas com objetivos comuns para formar cidadãos críticos, participativos, reflexivos [...]” (OLIVEIRA; PERES; AZEVEDO, 2021, p. 71). Por ser uma tarefa não muito fácil, e que exige esforços diários, qualquer ajuda é bem-vinda, seja da parte da escola, seja da família, cujos beneficiados serão os alunos, algo que é do interesse tanto da família quanto da escola.

Nesse contexto, “[...] as famílias devem estar inseridas no processo educacional [...] um bom relacionamento entre os familiares, principalmente entre aquele que cuida e a criança é um fator de grande importância para o desenvolvimento e para a aprendizagem da criança” (ALMEIDA; ARANTES, 2014, p. 133). Esse relacionamento deve ser cultivado cotidianamente durante os momentos em que o pai ou a mãe estiver ensinando ou orientando a criança na realização da tarefa escolar. A criança precisa sentir confiança em quem está ensinando e na forma como está ensinando. Para além de uma atividade escolar, esses momentos são bastante significativos para estreitar as relações entre pais e filhos, que muitas vezes é bastante frágil.

Escola e família são instituições sociais. Mas cada uma se auto-organiza e produz regras próprias. Cada uma tem sua forma de educar e ensinar, têm modos próprios de se organizar e definir o que é ou não importante nos projetos de vida dos sujeitos. Os conteúdos ensinados nestas instituições, embora complementares, têm naturezas diferentes na construção do ser social e no processo de desenvolvimento dos sujeitos, cidadãos para o mundo (DALBEN, 2020, p. 13).

De fato, apesar de complementares, os papéis da família e da escola são diferentes, e não competem entre si. Apesar de terem objetivos comuns, a exemplo da educação do sujeito, cada uma delas tem outros objetivos diferentes e pontuais em relação à educação que é transmitida às crianças, e esses objetivos vão se unir para uma boa formação do cidadão, que tende, a partir dos ensinamentos adquiridos na escola, ser um cidadão de bem, consciente dos seus direitos e deveres no contexto social.

A missão da escola é educar e formar gerações para a construção de projetos de vida, que embora individuais, têm reflexos no futuro da sociedade. Os limites de cada uma dessas instituições – família e escola – estão dados no próprio contexto de valores em que elas se fazem e se concretizam em razão da cultura que produzem (DALBEN, 2019, p. 27).

Por ser uma instituição social voltada para a educação formal, a escola precisa dar o seu melhor para alcançar a missão de educar e formar as novas gerações, pois, dessa formação depende o futuro da humanidade, uma vez que, quanto mais sujeitos educados tivermos em nossa convivência, menos serão os problemas ao nosso redor, pelo menos é isso que se busca com

qualquer projeto educativo. Mas alcançar uma missão tão difícil como essa não é uma tarefa fácil, o que exigirá da escola muitos esforços para concretizar seus objetivos.

Dessa forma, “é preciso que a escola se abra para todos aqueles que convivem com a criança, ajudando-os a descobrirem a melhor forma de contribuir tanto com a escola, como para a criança” (ALMEIDA; ARANTES, 2014, p. 28). Ou seja, o apoio da família é fundamental para a escola realizar seu trabalho, um trabalho que pode ser facilitado toda vez que a família se colocar na condição de quem entende que educar é uma tarefa conjunta, não um ato individual a ser realizado exclusivamente pela escola. Essa simples compreensão é fator suficiente para que a família tenha um olhar diferente para a importância da educação e para a formação do seu filho.

A família precisa compreender que, mesmo com todo o empenho e boa vontade da escola, ela não conseguirá sozinha dar conta de uma missão tão difícil e complexa, pois outros fatores interferem na formação da criança, a exemplo do acompanhamento familiar. Se a educação do lar não estiver ocorrendo dentro do que se espera, ou seja, com o ensinamento de valores, atitudes, ética, responsabilidade, solidariedade, ou se o acompanhamento escolar das crianças não estiver sendo feito diariamente pela família, todos os esforços feitos pela escola se tornarão frágeis, pois não há uma continuidade em casa da educação realizada na escola, algo que pouco a pouco vai prejudicando a formação delas e desvalorizando o trabalho feito pela escola.

Desse modo, “[...] na medida em que a família não cumpre com suas funções básicas, conseqüentemente, irá gerar problemas adicionais que acarretarão no desenvolvimento da criança que ali convive com os demais membros” (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 128). Ou seja, de alguma forma, isso afetará o trabalho desenvolvido pela escola, que precisará empreender mais esforços para suprir as lacunas deixadas pela família, algo que demandará tempo e exercício da paciência por parte dos professores. Da parte da criança, sua aprendizagem não será aquela que se espera e ela apresentará dificuldades com maior frequência, justamente devido à falta de acompanhamento por parte da família.

Nesse processo se faz necessário que a escola encontre formas de atrair e fazer com que a família participe da escola, assumindo a iniciativa deste relacionamento, pois, as famílias que valorizam a escola de seus filhos são as que mais contribuem para o sucesso na aprendizagem escolar bem como no processo de desenvolvimento tanto individual quanto social da criança ou adolescente (ALMEIDA; ARANTES, 2014, p.25).

Geralmente, os momentos nos quais a família tem uma presença mais significativa na escola são nas reuniões de pais e mestres, em momentos pontuais, cerca de duas vezes por ano. Nesses eventos, é comum a escola informar sobre o comportamento das crianças ou os pais perguntarem sobre isso e a distribuição de notas. Mas esses momentos não são suficientes para essas duas instituições se aproximarem e encontrarem formas de melhorar a educação das crianças.

É preciso outros momentos e outras pautas a discutir, a exemplo de uma participação maior da família na escola, algo que deve ser pensado pela escola que, por ter uma experiência formal com a educação e ter uma compreensão maior do que a família, deve tomar a iniciativa e propor outros momentos com outras pautas. Muitos pais, por diferentes motivos, a exemplo de falta de escolarização ou de recursos financeiros, acham que não podem contribuir com a educação dos filhos. É fundamental que haja uma comunicação melhor entre essas instituições, pois, “a falta de comunicação entre os educadores e os pais talvez seja um dos maiores empecilhos para que haja um entrosamento maior entre a família e a escola” (ANDRÉ; BARBOZA, 2018, p. 19).

Um dos grandes desafios da atualidade é envolver as famílias dos alunos no cotidiano escolar. A família é considerada a base do aprendiz e, desse modo, é de grande importância para o desenvolvimento do aprendiz que ela esteja envolvida em parceria com a escola, estando sempre em contato com os professores e profissionais que ali atuam para saber do rendimento escolar do aluno, e dessa maneira poder sanar os possíveis problemas que possam estar ocorrendo com o aluno (ANDRÉ; BARBOZA, 2018, p. 15).

Diante desse desafio de trazer a família para a escola e envolvê-la de fato no processo educativo da criança, a escola precisa pensar em estratégias para que a família se sinta parte da escola e participe com boa vontade, sabendo da importância dessa participação para a formação da criança. Uma das estratégias apontadas é que a escola organize encontros de pais e mestres para discutir sobre a relevância dessa parceria para a aprendizagem do aluno. Segundo o autor, nesses encontros, não se deve apenas discutir sobre comportamento e boletim. É necessário que a família tenha noção sobre o tempo que deve ser gasto no acompanhamento da educação do filho, a checagem diária de suas atividades, sobre a importância de uma dedicação extra do filho para os estudos que não apenas o tempo da escola (CORTELLA, 2014).

Ainda em relação às estratégias para trazer a família à escola, sugere-se a promoção de eventos diferentes, ao longo do ano, a exemplo das festas juninas para aproximar os pais da vida escolar dos filhos. A presença dos pais nesses eventos e em eventos como os teatros desenvolvidos na escola é fundamental porque as crianças se sentirão felizes sabendo que os pais estão ali, vendo-

as em suas apresentações. Devem ser promovidos momentos de diálogo e troca, nos quais a família opine, tire dúvidas e compreenda seu verdadeiro papel na educação dos filhos (ANDRÉ; BARBOZA, 2018).

Portanto, é preciso que a escola quebre essa barreira de comunicação com a família, buscando estratégias diferentes de trazê-la à escola, para que haja de fato uma gestão participativa na escola, com a parceria de pais e professores, na busca de soluções para os problemas que surgem na escola.

4 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA PANDEMIA

A relação família e escola em tempos normais sempre foi alvo de discussões e de tentativas de compreensão em relação à pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, ou até mesmo ao descaso por parte de algumas famílias em relação a sua responsabilidade. A falta de tempo sempre foi uma desculpa da família para a sua pouca ou nenhuma participação. E com a pandemia do Covid-19, como será que essa relação tem sido construída? Será que tem melhorado ou piorado? Com a pandemia, a situação muda de cara, fazendo emergir um novo cenário:

A escola se muda para os lares das famílias que não estavam preparadas para a nova realidade vivida com o fechamento de todas as atividades socioeconômicas das cidades, exceto as essenciais. A família é chamada, então, a se organizar para cuidar da educação escolar de suas crianças e adolescentes (DALBEN, 2019, p. 11).

Mas será que isso é tão simples assim? Observamos, durante esse contexto pandêmico, o sofrimento das famílias para lidar com essa responsabilidade. Se acompanhar uma simples atividade já era difícil, agora, a família tem que dar conta de muito mais, como por exemplo, aprender a fazer uso dos recursos tecnológicos, assistir aulas com os filhos, como é o caso da Educação Infantil, e administrar tanto o tempo da aula, como o tempo extra, de resolução de atividades. Sem contar a paciência que precisará exercitar para conseguir orientar as crianças em sua aprendizagem. Não podemos esquecer das habilidades metodológicas – a família precisa encontrar formas eficientes para ensinar as crianças, algo que já é difícil para professores, quanto mais para os pais.

A mediação que antes era feita com a presença do professor, agora acontece mediante uma tela, ou dependendo do público de alunos ou da disponibilidade de recursos, pode vir a ser inexistente, tendo nesse caso a família do aluno o papel primordial de contribuir e incentivar a aprendizagem. No entanto, se não houver a devida valorização a educação dos alunos no ambiente residencial, os mesmos podem se sentir abandonados e apresentarem maiores dificuldades nos estudos (OLIVEIRA; PERES; AZEVEDO, 2021, p. 76).

É a partir dessa preocupação que a família deve pensar: ou ela entende que a educação das crianças dependerá bastante dos seus esforços, ou as crianças serão seriamente prejudicadas. Não há ideia de quando será decretado o fim da pandemia, sendo assim, a família não pode cruzar os braços e deixar os filhos de lado, sem contato com a escola. É preciso que ela compreenda que, se em outros momentos ela negligenciou seu papel porque sabia que a escola supriria, hoje, com as crianças distantes da escola, ela não pode cometer um erro tão grande, sob o risco de causar danos irreparáveis à educação de seus filhos, algo que a escola não conseguirá dar conta de recuperar.

Esse novo cenário, apesar de todas as dificuldades que apresenta aos pais, traz um dado muito positivo: pais e filhos tendem a se aproximar mais e a fortalecerem seus laços afetivos, algo que estava sendo perdido em muitas famílias, devido à correria do dia a dia, e que agora encontra um espaço propício para essa aproximação, tão necessária para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

[...] é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva carregada de emoções o primeiro referencial para a construção da identidade pessoal. Todavia, as práticas educativas remotas em casa, trouxeram às crianças mais momentos de encontros com os primeiros outros, se fazendo necessário para agregar o conhecimento e estreitar ainda mais os laços. É claro que o contexto remoto para a infância não se trata de uma formalização do fazer pedagógico, e nem que os pais e mães se tornem professores, mas sim um espaço de encontros e reencontros que foram possibilitando às famílias o exercício de serem pais, além de perceberem a proposta pedagógica [...] (CASTRO; ALVES; CASTRO, 2021, p. 3-4).

Esse contexto de ensino remoto, cuja participação da família é indispensável, além de possibilitar essa reaproximação entre os entes familiares, é bastante propício para que os pais compreendam, de uma vez por todas, que educar 30 crianças diariamente, não é algo simples, e que é preciso ter estratégias para dar conta de todos os afazeres que a docência pede. Se com um ou dois filhos as famílias estão com dificuldades, imaginemos se cada uma delas tivesse 30 filhos para dar conta o ano inteiro. Certamente elas não dariam conta. Diante disso,

O novo formato de parceria escola e família pode compartilhar ainda mais os protagonismos, porque mesmo distante permitiu aos pais a executarem a proposta educativa para infância, entrelaçando as interações entre os sujeitos e o mundo, buscando garantir momentos simples e de prazer, permitindo encontros das crianças com o conhecimento e das famílias com o exercício de serem pais (CASTRO; ALVES; CASTRO, 2021, p. 8).

Assim, com esse novo desenho da escola, com os pais colaborando e enxergando a importância do papel do professor, com todas as dificuldades impostas pela docência, espera-se que a família valorize mais o trabalho do professor e dê toda a confiança e mérito que ele merece por desempenhar um trabalho tão árduo. Mais do que isso, espera-se que, a partir desse cenário, a

família se una à escola e participe seriamente da educação de seus filhos, uma participação espontânea, sem que a escola precise estar o tempo inteiro pedindo essa participação. No cenário pandêmico, a união de todos os esforços é essencial para uma afinação entre as duas instituições, para que os propósitos educacionais sejam mantidos e para o alcance dos objetivos pretendidos. Além disso, a comunicação entre a escola e a família é fundamental para a minimização das dúvidas que vão surgindo durante este período (MACHADO, 2020).

Neste cenário pandêmico, tanto a escola quanto a família têm exercitado a paciência, a solidariedade, a empatia, a colaboração e a resiliência, pois não é fácil para ninguém lidar com todas as dificuldades que o momento pandêmico impõe. Essa atitude é bastante positiva para o mínimo de cuidado em relação à saúde mental, que tem atingido diversos professores e alunos em muitas escolas (DALBEN, 2019).

Mas, mesmo diante dos problemas, a educação na pandemia tem revelado dados interessantes sobre a relação família e escola. Segundo uma pesquisa realizada pela Revista Nova Escola, intitulada *A situação dos professores no Brasil durante a pandemia*¹, publicada em 01 de julho de 2020, da pandemia nasce uma nova relação entre escola e família. Essa pesquisa foi realizada entre os dias 16 e 28 de maio de 2020 por meio de um questionário *on-line* disponível no *site* da revista. Foram coletadas 9.557 respostas, sendo 8.121 (85,7%) delas de professores da educação básica. Para uma melhor compreensão do cenário pesquisado, a pesquisa foi dividida em 4 eixos: situação dos professores, situação da rede, participação dos alunos e famílias nas atividades; perspectivas para o retorno das atividades presenciais (NOVA ESCOLA, 2020).

De acordo com a referida pesquisa, cerca de três a cada dez professores afirmam que os pais têm participado das tarefas escolares a distância. Na rede particular, a participação da família é de 58%, já na rede pública, essa participação é de 36%. A diferença percentual é bastante acentuada, e isso nos leva a crer que a questão da desigualdade social de acesso às tecnologias digitais é bem diferente nos contextos público e privado. De acordo com a pesquisa, o índice não é baixo e revela interesse da família pela educação dos filhos, mesmo numa situação incomum. A pesquisa mostra ainda os desafios enfrentados pela escola e pela família, destacando-se a adaptação às novas tecnologias e a perda da privacidade, tendo em vista que

¹ Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/19474/da-pandemia-nasce-uma-nova-relacao-entre-escola-e-familia?gclid=Cj0KCQIAqbyNBhC2ARIsALDwAsBBwjSoiA_MPR7JaG9d7Jm34wDK1lqfy8Lz9Kc1yl87Uov1Fbc981gaAsicEALw_wcB. Acesso em 29 de novembro de 2021.

em muitos lares, há muitas pessoas e o espaço não é apropriado para que cada uma fique em seu canto sem interferência. A forma de comunicação entre a escola e a família, conforme a pesquisa, ocorreu em grande parte através do *Whatsapp* e, no caso dos alunos da rede pública, a comunicação *on-line* foi um pouco mais difícil, devido à falta de internet ou à conexão ruim (NOVA ESCOLA, 2020).

Uma outra pesquisa também de 2020, a quarta etapa de um estudo de abrangência nacional, intitulada *Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias*², **aponta legados da pandemia para a educação brasileira, com maior envolvimento das famílias na rotina dos estudantes e valorização dos professores.** A Pesquisa foi encomendada pela *Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures*, e realizada com 1.021 pais ou responsáveis de estudantes das redes públicas municipais e estaduais do país. O mapeamento apontou que 51% dos responsáveis consideram estar participando mais da educação das crianças, no período da pandemia, sendo o maior índice (58%) na região Sul e entre os responsáveis com maior escolaridade. O levantamento também aponta que 71% dos pais passaram a valorizar mais o trabalho desenvolvido pelos professores e 94% consideram muito importante que os docentes estejam disponíveis para correção de atividades e esclarecimento de dúvidas durante as aulas não presenciais. O objetivo do estudo foi identificar se os estudantes dos ciclos Fundamental e Médio estavam recebendo, acessando e realizando as atividades de aprendizado remoto durante a pandemia no Brasil. Visou também mapear as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes em relação ao acesso, rotinas e motivação; e identificar percepções dos responsáveis sobre a qualidade do apoio das escolas, entre outros aspectos.

A partir dessas duas pesquisas, dá para se ter uma ideia de que, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelas famílias, quando essas passaram a participar mais ativamente da educação dos filhos, perceberam que não é tão fácil assim e, ao mesmo tempo, diminuíram as críticas e julgamentos acerca do trabalho docente. Além disso, passaram a valorizar o trabalho desse profissional que tanto faz pela educação.

5 MÉTODO

² Disponível em: <https://cangurunews.com.br/pesquisa-educacao-familias/>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

Para a realização deste trabalho optamos pela abordagem qualitativa do tipo exploratória, de natureza interpretativista, por entender que o viés qualitativo traz respostas mais abrangentes e profundas sobre o problema investigado. A escolha desta abordagem se justifica porque atende as principais características de uma investigação qualitativa exploratória: descrição pormenorizada do fenômeno; exploração da temática por parte do pesquisador; valorização da perspectiva dos sujeitos investigados, entre outras (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Em relação às participantes da pesquisa, são 5 mães de crianças da Educação Infantil de uma escola municipal da rede pública do município de Sítio do Quinto - BA. Essas mães foram convidadas a colaborar espontaneamente com a pesquisa a partir de uma entrevista via *Whatsapp* no formato de áudio. Todas as mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³ e ficaram cientes sobre a preservação de suas identidades, sendo referidas na pesquisa pelas expressões Mãe A, Mãe B, Mãe C, Mãe D e Mãe E. As perguntas eram feitas (uma de cada vez), através de um áudio, e respondidas em seguida no mesmo formato. Devido à necessidade de distanciamento físico, por conta da pandemia, optamos por esse formato para não colocar em risco a saúde das participantes.

Quanto aos procedimentos, adotamos a pesquisa bibliográfica, a partir da revisão da literatura, e a pesquisa *online*, a partir da rede social *Whatsapp*. Em relação aos instrumentos de coleta de dados, optamos pela entrevista estruturada via *Whatsapp*, a partir de uma lista com cinco perguntas elaboradas previamente.

No que se refere à análise de dados, esses foram analisados com base no próprio referencial teórico utilizado na pesquisa, devido à variedade e riqueza de informações que os estudos desse referencial apresentaram.

5.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

³ Em relação às assinaturas do TCLE, após um agendamento prévio, a pesquisadora foi até a casa das mães utilizando máscara, seguindo todos os protocolos de segurança necessários. Junto a cada mãe, foi lido com muita atenção o referido termo e explicado sobre a sua necessidade para a pesquisa, bem como sobre a preservação de suas identidades.

Para compreendermos como a família e a escola têm construído relações em tempos de pandemia, fizemos uma entrevista estruturada com 5 mães de crianças de Educação Infantil da escola investigada. As perguntas foram: 1) Durante a pandemia, quais as dificuldades que você encontrou na educação do(a) seu filho/sua filha? 2) Como foi sua relação com a escola/o(a) professor(a) durante este período? 3) A escola entrou em contato para orientá-la sobre o acompanhamento da educação do(a) seu filho/sua filha? 4) Você acha que a pandemia melhorou ou piorou sua relação com a escola? 5) O que a escola poderia fazer para que você participasse mais da educação do(a) seu filho/sua filha?

Sobre a primeira pergunta, acerca das dificuldades encontradas na educação do(a) filho(a), as respostas⁴ foram as seguintes:

As tarefas escolares eram muito difíceis de fazer com ela. Ela não levava a sério. Às vezes ela tinha vontade de fazer, mas como eu não sabia explicar bem, não tinha aquele jeitinho de ensinar. Ela travava e não conseguia fazer nenhuma atividade direito. Eu também não tinha muita paciência e a atividade acabava por ali mesmo (Mãe A).

Durante a pandemia, as dificuldades que eu encontrei com meu filho na escola, na educação do meu filho, foi a questão de eu estar muito tempo fora da escola e como ensinar, porque eu não sou preparada na verdade para ensinar meu filho. Então eu tive muita dificuldade com relação a passar o que eu sabia pra ele, a maneira de como ensinar, até ele encontrar uma maneira e eu também, de como estar ensinando. Porque com o professor em sala de aula, ele estava acostumado a ver toda explicação, toda explanação do professor, e em casa é totalmente diferente. A pior dificuldade pra mim foi a maneira de eu encontrar uma maneira para que ele aprendesse (Mãe B).

Bom, a maior dificuldade que eu encontrei foi conciliar o trabalho com a escola, porque as atividades eram mandadas no grupo, e eu trabalho mais de 10 horas por dia. E aí tinha que fazer as atividades e mandar no grupo, geralmente à noite, minha filha já estava dormindo. Então eu tinha um pouco de dificuldade no início, depois eu consegui conciliar (Mãe C).

Então, eu acredito que a maior dificuldade foi tentar conciliar tudo, os estudos, de você ter aquele tempo, de você poder estar ensinando corretamente, de você parar para auxiliar da forma que realmente é. Então eu acho que a maior dificuldade foi essa. Como dificuldade tem também o desestímulo dos filhos com as aulas online, pois eles se sentiam desmotivados algumas vezes, com preguiça, isso também afetava no rendimento escolar dele, pois para ele era algo novo (Mãe D).

Uma das dificuldades foi assim, que eu não tinha um grau de escolaridade alta para entender e poder ajudar mais ele, e esse negócio da escola mandar as atividades, aí no meu caso, como eu não tenho um alto grau de escolaridade, ficou mais difícil pra mim educar ele, ajudar a ensinar ele nas atividades (Mãe E).

Diante desses dados, notamos que as maiores dificuldades mencionadas pelas participantes da pesquisa estavam relacionadas a como ensinar as crianças, a como explicar as diferentes

⁴ Como as respostas foram dadas por áudio, fizemos a correção gramatical básica, apenas para facilitar a compreensão, por entendermos que seria mais apropriado para a pesquisa, no entanto, preservamos a fala das participantes, sem retirar nem acrescentar palavras.

atividades que faziam parte da rotina do ensino remoto (Mãe A, Mãe B, Mãe C e Mãe E). A esse respeito, muitos pais, por diferentes motivos, a exemplo de falta de escolarização ou de recursos financeiros, acham que não podem contribuir com a educação dos filhos (ANDRÉ; BARBOZA, 2018). E foi exatamente isso que as participantes revelaram, que não davam conta das atividades por falta de escolarização.

Uma pesquisa atual, intitulada *Rotina Familiar e Acadêmica de Alunos durante o Isolamento Social*, também chamou a atenção para a falta de formação e de habilidades pedagógicas dos pais/responsáveis para conduzir e instruir os filhos nas atividades remotas, ressaltando inclusive contextos em que os pais têm menos escolarização do que os filhos (BORGES; CIA, 2021). Esses dados são importantes para que a escola não realize cobranças e solicitações que vão além das capacidades de cada ambiente familiar.

Outra dificuldade relatada foi a falta de paciência para ensinar o(a) filho(a) (Mãe A). Também apareceu como dificuldade a questão do tempo, de conciliar o trabalho, os afazeres domésticos e o acompanhamento escolar do(a) filho(a) (Mãe C e Mãe D). A última dificuldade apontada foi lidar com o desestímulo do(a) filho(a) com as aulas *online* (Mãe D).

Outra pesquisa recente, intitulada *Parceria entre escola e família no desenvolvimento do aluno durante a pandemia de Covid-19*, revelou dados muito semelhantes aos citados pelas mães participantes da presente pesquisa. Conforme essa pesquisa, que teve a mesma pergunta que se encontra em análise (dificuldades enfrentadas para acompanhar a educação do(a) filho(a) durante a pandemia), as maiores dificuldades apontadas foram: a falta de tempo, dificuldade em entender e repassar o conteúdo fornecido pelo professor ao aluno e ainda a dificuldade em manter a concentração e evitar a dispersão da criança, o que mostra que, mesmo os cenários sendo diferentes, as respostas que a pandemia tem trazido são bastante semelhantes (OLIVEIRA; PERES; AZEVEDO, 2021).

Em relação à segunda pergunta, que indagava sobre sua relação com o professor/a escola durante a pandemia, as respostas obtidas foram:

Com a escola e o professor foi até razoável. Eles sempre mandavam as atividades explicando, mandavam áudios explicando como deveria ser feita a atividade, mandavam vídeos explicando também como era pra ser feito, mas mesmo assim, quando se tratava da mãe para o filho a minha filha não levava muito a sério (Mãe A).

Esse foi a parte positiva, porque antes eu não tinha toda proximidade com o professor, eu não era de estar procurando o professor todos os dias pra saber como foi a aula. Eu

não era de estar procurando semanalmente como ele estava aprendendo, quais as dificuldades ele estava tendo na escola. Nunca, e com a pandemia me aproximou muito mais, porque eu ficavam ligando o tempo todo perguntando: **É normal estar passando por essa fase? Porque ele não está conseguindo aprender?** Ele não está conseguindo entender esse método que eu estou ensinando. E essa foi a maneira de me aproximar mais. Foi um ponto muito positivo, porque eu perguntava o tempo todo, ligava o tempo todo, eu mandava áudios, e assim, eles sempre estavam disponíveis (Mãe B, grifo nosso).

A relação com os professores sempre foi boa, porque eles mandavam as atividades todos os dias, e eu fazia com minha filha e mandava, e era isso era tranquilo. Todos os dias mandavam as atividades, eu fazia com minha filha e mandava, e deu tudo certo (Mãe C).

Assim, a relação eu gostei, foi uma das melhores durante a pandemia. Foi melhor do que antes, até porque agora nós tivemos mais uma proximidade, sempre que a gente precisava, a gente poderia estar ali procurando para tirar alguma dúvida, alguma coisa do tipo, sabe? Ficamos mais próximos (Mãe D).

Foi assim, mais ou menos. Foi mais ou menos. Elas mandavam as atividades e a gente ajudava a fazer, foi assim (Mãe E).

Sobre a relação com o professor/escola durante a pandemia, as participantes classificaram como razoável (Mãe A); positiva (Mãe B); boa (Mãe C); melhor do que antes da pandemia (Mãe D); Mais ou menos (Mãe E). Junto com esses conceitos, duas mães (B e D) ainda sinalizaram que antes não tinham proximidade com os professores e que a pandemia as aproximou mais deles.

A família é a base para a criança, sendo de grande importância para o seu desenvolvimento que ela atue em parceria com a escola, a partir de um contato constante com os professores para saber do rendimento escolar do seu filho, e dessa maneira poder sanar os possíveis problemas que possam estar ocorrendo com ele (ANDRÉ; BARBOZA, 2018).

Com relação à terceira pergunta, que questionava sobre orientação da escola sobre a educação dos filhos, as respostas dadas foram as seguintes:

Sim. Pelos vídeos, pelos áudios, acompanhavam as atividades, sempre faziam reuniões só com as mães, pra tentar ajudar (Mãe A).

Com relação ao contato, se eles entravam em contato comigo – sempre. Eles sempre estavam entrando em contato para saber se ele estava aprendendo direitinho, se ele estava tendo alguma dificuldade, se ele estava enviando as atividades. Sempre foi muito bom o contato da escola comigo. Eles sempre tiveram esse contato (Mãe B).

Sim. As orientações tinha sempre, mandavam as atividades, informavam sempre como tinha que fazer, tanto nas partes teóricas, mas também nas atividades práticas. Explicava tudo direitinho, questão de como fazer, os materiais, tudo certinho (Mãe C).

Sim, sim. É... Sempre estiveram à disposição, tanto nos procuravam, como eles nos davam a liberdade da gente também procurar eles para tirar qualquer dúvida, para nos auxiliar, pra gente poder perguntar de que forma a gente poderia estar ajudando, pra que ele pudesse estar adquirindo mas o aprendizado corretamente (Mãe D).

Assim, o que elas faziam pra gente, era mandar as atividades e a gente fazia. Marcou algumas reuniões para marcar as datas do retorno às aulas, e só isso (Mãe E).

Em relação à orientação à família por parte da escola durante a pandemia, as participantes da pesquisa, por unanimidade, confirmaram que houve orientação frequente sobre como guiar os filhos na resolução das tarefas escolares, destacando-se nessa orientação, os vídeos e áudios através da rede social *Whatsapp*. Essa orientação é fundamental para o bom andamento do ensino remoto, pois defende a necessidade de a escola passar as informações e orientações necessárias às famílias, tendo em vista que essa mudança repentina precisa ser assimilada pouco a pouco (BORGES; CIA, 2021).

Acerca da quarta questão, que perguntava se a pandemia melhorou ou piorou sua relação com a escola, as participantes responderam:

Eu acho que foi pior. Foi um pouco pior, porque a gente não estava adaptada a isso, e aí a mudança foi muito repentina e a gente não conseguiu se adaptar bem, até hoje eu não consegui me adaptar bem, até nas aulas que estão mais ou menos presencial, ainda não me adaptei (Mãe A).

Como eu falei anteriormente, a pandemia melhorou bastante a minha relação com a escola, porque serviu para aproximar muito mais, porque não só eu, mas eu acho que a maioria dos pais, porque tem muitos pais que enviam seus filhos pra escola para se ver livres dos filhos, para não ter o compromisso de ensinar em casa, e não está nem aí se o filho aprendeu ou não aprendeu. E com a pandemia isso mudou, porque a partir daí aconteceu a inversão de papéis e aí a gente viu a importância do professor. Os pais têm que dar mais atenção, tem que saber se o filho está fazendo as atividades direitinho, porque muitos pais não se importam. Às vezes passa semanas e semanas o filho indo para a sala de aula, mas não fazendo nada. Então assim, com isso serviu para o pai entender que realmente ele precisa estar presente (Mãe B).

De uma certa forma, aproximou bastante, porque eu deixei de ser mãe, além de fazer meu papel de mãe, também de uma certa forma, eu virei professora. E eles mandavam as atividades e eu fazia diretamente com minha filha, então aproximou muito. Fazia com minha filha e mandava para os professores e a gente foi tendo essa relação que aproximou bastante (Mãe C).

É, como eu disse anteriormente, para mim, não sei para as outras pessoas, mas para mim eu acredito que melhorou, porque eles ficaram à disposição, sempre que eu precisava, eu entrava em contato, tanto com a escola, como com a professora, e sempre ficaram à disposição (Mãe D).

Eu acho que está melhorando aos pouquinhos (Mãe E).

Sobre a melhoria ou piora da relação família e escola durante a pandemia, uma participante apenas disse que piorou (Mãe A). No entanto, ao analisar as respostas dadas por ela nas questões anteriores, nota-se que ela vinha respondendo positivamente e que sua resposta a essa pergunta de certa forma nega as anteriores. Na verdade, observando com cuidado, ela diz que não conseguiu se adaptar ao fato de as aulas serem *online*, ou seja, não estava falando da relação família e escola, mas de sua adaptação.

Quanto às demais participantes, todas sinalizaram que a relação melhorou bastante, destacando-se a disponibilidade dos professores em atenderem os pais frequentemente para sanar dúvidas e passar orientações (Mãe B, Mãe C, Mãe D e Mãe E).

Na mesma direção dessa investigação, a pesquisa realizada pela Revista Nova Escola, em 2020, intitulada *Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia*, e a pesquisa encomendada pela *Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures*, intitulada ***Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias revelaram uma melhoria significativa na relação família e escola. Ambas as pesquisas apostam que no retorno às aulas presenciais essa relação será muito melhor.***

Referente à quinta pergunta, sobre o que a escola poderia fazer para que a família participasse mais da educação do(a) filho(a), as respostas foram:

Acho que poderia promover algumas atividades com os pais, algumas vezes na semana, aliás, alguma vez na semana, pra que a criança fosse entendendo que o pai também pode ser um professor em casa (Mãe A).

Com relação a isso, eu participava muito na questão de gravar vídeos, gravar áudios. Porque no início da pandemia, a gente fazia muito isso, muito. Aulas, explicações, gravar depoimentos dos pais, como estava a situação do filho, se ele estava aprendendo, se estava tendo alguma dificuldade. Então assim, eu acabei participando mais, com certeza, porque antes não tinha essa participação. Às vezes eu ensinava um para casa, às vezes mandava para a banquinha, mas aí quando chegou esse período de não poder ter aula de banquinha, não poder sair de casa, então eu que tinha que fazer todos esses papéis. Eu acabava fazendo e, a partir daí, me aproximei muito mais da escola do que antes. Hoje tenho outra visão, antes e depois da pandemia. E com certeza não só eu, a maioria dos pais também (Mãe B).

Bom, depois da pandemia eu fiquei bem presente através das atividades que elas mandavam no grupo, e questão de reunião e acompanhamento ali é em tempo integral. Tudo o que acontece ela já posta, já comunica no grupo. Então fica bem mais fácil, facilita bastante a questão da mãe que trabalha, fica bem mais fácil de ficar presente, ficar próximo da escola (Mãe C).

Continuassem com essa questão de diálogo, de sempre que precisasse nos procurasse para informar "olhe seu filho está assim, está assim, está assim...", "o que nós como escola e você como mãe, pai, podem estar nos ajudando, nos auxiliando para que ele se desenvolva?". Assim, está sempre nos procurando, pra gente poder ajudar (Mãe D).

Eu acho que mais reunião né. Mais reunião com os pais (Mãe E).

Acerca de atitudes e estratégias da escola para aproximar as famílias e fazê-las participar mais da educação dos filhos, foi sinalizado que a escola poderia promover atividades com os pais (Mãe A); continuar com o diálogo e procurando sempre a família para informar sobre o rendimento dos filhos (Mãe D); mais reunião (Mãe E). A Mãe B e a Mãe C parecem não ter compreendido bem a pergunta, pois deram respostas sem relação ao que foi perguntado.

A esse respeito, a escola deve promover encontros de pais e mestres para discutir sobre a relevância dessa parceria para a aprendizagem do aluno, sem focar em comportamento e boletim, mas em uma pauta significativa, que envolva temas relativos à importância da educação na formação do indivíduo (CORTELLA, 2014). De modo complementar, a escola deve promover eventos diferentes, ao longo do ano, a exemplo das festas juninas para aproximar os pais da vida escolar dos filhos. Essas são apenas algumas sugestões, cabendo a cada escola pensar em suas próprias estratégias (ANDRÉ; BARBOZA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho discutiu a relação família e escola e a possibilidade de construção de relações em tempos de pandemia, por entender que num momento atípico como esse, a aproximação entre essas duas instituições é fundamental para dar prosseguimento à educação de crianças e adolescentes.

Inicialmente, como forma de contextualizar a temática, foi feita uma explanação de como a relação família e escola sempre foi vista na sociedade, ou seja, como uma relação marcada pelo distanciamento dessas instituições, pelo não compartilhamento adequado das responsabilidades e por uma certa negligência da família, que sempre passou toda a responsabilidade da educação dos filhos para a escola.

A legislação educacional brasileira (CF, LDB, RCNEI e BNCC) foi apresentada para justificar os papéis dessas duas instituições quanto à educação do indivíduo, mostrando que cada uma tem sua responsabilidade, e que as responsabilidades de ambas são complementares e não competem entre si.

Foi apresentado um panorama de como anda a relação família e escola durante a pandemia, a partir de um referencial teórico atualizado, com pesquisas dos 2 anos de foco da pandemia (2020 e 2021), além de duas pesquisas de 2020, que mostram uma melhoria na relação família e escola e uma tendência de as famílias brasileiras passarem a valorizar mais o trabalho docente daqui para frente.

Assim, diante do nosso objetivo de pesquisa - compreender como a família e a escola têm construído relações em tempos de pandemia no contexto da Educação Infantil, chegamos à

conclusão de que o diálogo tem sido a forma através da qual essa relação tem acontecido, além da necessidade. Como a família precisou gerenciar a educação dos filhos em casa, ela precisou manter contato diário com a escola através da rede social *Whatsapp*. Esse contato diário permitiu a troca de informações, o compartilhamento das dificuldades, das dúvidas, da insegurança, e de outras questões, o que acabou levando as famílias a compreenderem que o trabalho do professor não é fácil, emergindo desse cenário uma valorização não vista antes. Desse modo, nosso objetivo foi alcançado e, conseqüentemente, nosso problema de pesquisa foi respondido.

Ao retomarmos a hipótese do nosso trabalho, de que devido à necessidade de levar adiante o ensino com o distanciamento físico, a relação família e escola poderia melhorar, tendo em vista que o contato entre as duas instituições seria maior do que antes, nossa hipótese foi confirmada. Portanto, confirma-se a relevância deste trabalho neste momento de incerteza e a necessidade de a família e a escola andarem sempre de mãos dadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUEQUE, Simone Santos de. Educação das Crianças Pequenas: da lógica cultural e familiar às políticas públicas. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 139-156, set./dez., 2010.

ALMEIDA, Adriane Catarina; ARANTES, Almir. A Relação Família e Escola: pressuposto para o processo ensino aprendizagem. **Revista Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v. 5, n. 2, p. 22-31, 2014.

ANDRÉ, Elissandra Leite; BARBOZA, Reginaldo José. A importância da parceria entre a família e a escola para a formação e desenvolvimento do indivíduo. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, São Paulo, v.1, n.30, p. 1-21, jan., 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.

BORGES, Laura; CIA, Fabiana. Rotina Familiar e Acadêmica de Famílias de Alunos Durante o Isolamento Social. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 8, n. 16, p. 202-217, jan./abr. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/SEF, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Mayara Alves de; ALVES, Maria Marly; CASTRO, Debora Dias de. Educação infantil e pandemia: família e escola em tempos de isolamento social. **Ensino Em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1–12, ago. 2021.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educação, Escola e Docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Relação Família x Escola em Tempos de Pandemia. **Paidéia: Revista do Curso de Pedagogia da Universidade de FUMEC**, Belo Horizonte, v. 14, n. 22, p. 11-29, jul./dez. 2019.

MACHADO, Patrícia Lopes Pimenta. **Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, Ano 05, Ed. 06, v. 08, p. 58-68, jun. 2020.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A Relação Família-Escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso)**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2010.

OLIVEIRA, Cláudia Patrícia; PERES, Jussânia Oliveira; AZEVEDO, Gilson Xavier de. Parceria entre escola e família no desenvolvimento do aluno durante a pandemia de Covid-19. **REEDUC**, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 70-86, jan./abr. 2021.

PALIGA, Bruna; VASQUES, Rosane. Fátima. A Influência da Relação Família-Escola sobre a Aprendizagem Escolar: percepções de professores do 1º ano do ensino fundamental. **PERSPECTIVA**, Erechim, v. 41, n. 156, p. 73-86, dez. 2017.

SANTOS, Luana. Rocha dos; TONIOSSO, José Pedro. A Importância da Relação Escola-Família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro- SP, v. 1, n. 1, p. 122-134, 2014.